

Antropônimos antonomásticos no contexto das eleições presidenciais de 2022: Uma análise sob a Linguística Cognitiva

Antonomastic anthroponyms in the context of the 2022 Brazilian presidential elections: An analysis under Cognitive Linguistics

Luan Oliveira Mendes

Universidade Estadual de Feira de Santana/CAPEs – Bahia – Brasil

Natival Almeida Simões Neto

Universidade Federal da Bahia – Bahia – Brasil

Resumo: Apresenta-se investigação fundamentada na Linguística Cognitiva e na Semântica Cognitiva (Geeraerts, 2006; Evans; Green, 2006; Lakoff, Johnson, 2008; Kövecses, 2010) sobre o uso de nomes alternativos atribuídos a políticos brasileiros em contextos de polarização partidário-eleitoral, com foco nas metáforas e metonímias conceituais presentes em ocorrências de antonomásia. A antonomásia é compreendida como o uso de um nome comum em substituição ao nome próprio, refletindo enquadramentos ideológicos e identitários (Garcia, 2006; Martins, 2021). A análise insere-se na Onomástica Cognitiva e examina comentários publicados na rede social X/Twitter entre agosto e dezembro de 2022, período marcado pelas eleições presidenciais. Foram analisadas designações como *Ex-Presidiário*, *Bolsomito*, *Tchutchuca do Centrão* e *Carluxo*, com maior incidência nos nomes de Lula e Bolsonaro. As metáforas mais recorrentes foram SER HUMANO É ANIMAL e SER HUMANO É SER MITOLÓGICO, enquanto as metonímias mais frequentes foram do tipo PARTE PELO TODO. A análise revelou o uso de discursos preconceituosos, como machismo e LGBTQIA+fobia, por ambos os lados do espectro político, evidenciando contradições ideológicas nas estratégias de ataque. O estudo conclui que os apelidos funcionam como artefatos culturais que refletem frames ideológicos, intensificam a polarização e revelam o papel crucial da linguagem na construção das identidades políticas no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Onomástica Cognitiva. Política Brasileira. Nomes alternativos. Formações esporádicas. Antroponímia. Antroponomástica.

Abstract: This study presents an investigation grounded in Cognitive Linguistics and Cognitive Semantics (Lakoff & Johnson, 2008; Geeraerts, 2006; Evans & Green, 2006; Lakoff, 2008; Kövecses, 2010) on the use of alternative names attributed to Brazilian politicians in contexts of party-electoral polarization, with a focus on the conceptual metaphors and metonymies found in occurrences of antonomasia. Antonomasia is understood as the use of a common noun in place of a proper name, reflecting ideological and identity-based framings (Garcia, 2006; Martins, 2021). The analysis is situated within Cognitive Onomastics and examines comments posted on the social network X/Twitter between August and December 2022, a period marked by the presidential elections. Designations such as *Ex-Presidiário*, *Bolsomito*, *Tchutchuca do Centrão*, and *Carluxo* were analyzed, with the names of Lula and Bolsonaro being the most frequently targeted. The most recurring metaphors were HUMAN BEING IS ANIMAL and HUMAN BEING IS MYTHOLOGICAL CREATURE, while the most common metonymies were of the PART FOR WHOLE type. The analysis revealed the use of prejudiced discourse, such as machismo and LGBTQIA+phobia, by both sides of the political spectrum, highlighting ideological contradictions in attack

strategies. The study concludes that nicknames function as cultural artifacts that reflect ideological frames, intensify polarization, and reveal the crucial role of language in constructing political identities in contemporary Brazil.

Keywords: Cognitive Linguistics. Cognitive Onomastics. Brazilian Politics. Alternative Names. Occasional Formations. Anthroponymy. Anthroponomastics.

1 Introdução

Este artigo é a adaptação de uma pesquisa realizada entre 2022 e 2024, como dissertação para obtenção do título de mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Feira de Santana, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Para a realização da pesquisa empreendida, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de postagens realizadas por usuários da rede social X/Twitter.

Os dados coletados compõem um retrato do contexto sócio-histórico no qual ocorreram as eleições presidenciais de 2022, marcadas por uma acentuada polarização política e por uma divisão cada vez mais rígida do eleitorado em dois blocos antagônicos. Neste cenário, cada grupo passou a enxergar o outro como uma ameaça existencial, mobilizando estratégias discursivas que os representem não apenas como adversários, mas como inimigos. Essa dinâmica se manifesta de maneira particularmente expressiva na nomeação pejorativa de figuras políticas, em que antropônimos alternativos — como apelidos, alcunhas e epítetos — são empregados para desumanizar, ridicularizar ou estigmatizar o oponente.

A análise desses nomes revelou não apenas os mecanismos de ataque simbólico empregados por progressistas e conservadores, mas também como os nomes próprios funcionam como elementos discursivos e cognitivos. Através dessas nomeações, são acionados frames ideológicos, metáforas e metonímias conceptuais que condensam narrativas inteiras em uma única palavra ou expressão, tornando os apelidos instrumentos eficazes na consolidação de identidades políticas e no reforço de visões polarizadas sobre o mundo social.

2 Os nomes próprios sob a ótica cognitivista

A Onomástica Cognitiva combina os estudos sobre nomes próprios com pressupostos da Linguística Cognitiva e da Semântica Cognitiva (Lakoff; Johnson, 2008; Geeraerts, 2006; Evans; Green, 2006; Lakoff, 2008; Kövecses, 2010). Essa vertente teórica parte do princípio de que os nomes próprios não são unidades isoladas ou impermeáveis ao funcionamento geral da linguagem, mas, ao contrário, podem refletir e acionar frames, metáforas e metonímias conceptuais, integrando processos cognitivos complexos (Sjöblom, 2010; Soledade, 2021; Simões Neto; Rodrigues, 2023).

Nesse sentido, Soledade (2021) apresenta uma crítica contundente à visão tradicional representada por Ullman (1964), segundo a qual os nomes próprios seriam invariáveis e desprovidos de carga significativa além da identificação. Em oposição, Soledade demonstra empiricamente que nomes próprios podem atuar como modificadores, admitir intensificadores, funcionar como pré-núcleo de outros nomes, receber o sufixo -íssimo(a) e ainda desempenhar o papel de predicativos. Essa demonstração evidencia que os nomes próprios, em uso, se aproximam estrutural e semanticamente dos nomes comuns, abrindo espaço para que metodologias de análise semântico-cognitivas sejam aplicadas a ambos.

Apoiando-se nesse percurso, tomamos como objeto os antropônimos, ou seja, os nomes próprios que designam pessoas. Em especial, será dada atenção a uma subcategoria desses nomes: os alônimos, especialmente os apelidos. De acordo com Amaral e Seide (2020), os apelidos configuram-se como formas alternativas de nomeação, atribuídas majoritariamente por terceiros e muitas vezes associadas ao humor, à crítica ou à intimidade. Esses

autores propõem uma abordagem que leva em consideração os múltiplos fatores sociais, culturais, históricos e políticos envolvidos na atribuição de nomes, especialmente no contexto brasileiro contemporâneo.

Entre os apelidos analisados, muitos operam como estratégias de condensação de traços percebidos no comportamento, aparência, origem ou ideologia dos indivíduos nomeados, como nos exemplos de apelidos que remetem a aspectos físicos (Dentinho, Ferrugem) ou comportamentais (Trovoada, Radinho). Alguns desses apelidos podem ser classificados como Nomes Esporádicos (Simões Neto, Rodrigues, 2023), designações efêmeras e contextuais, criadas para situações específicas e que geralmente caem em desuso e perdem seu significado com o tempo.

3 Percursos metodológicos

O corpus foi composto por comentários e quote retweets direcionados a perfis jornalísticos de grande circulação, selecionados conforme sua orientação ideológica — três de inclinação progressista (CartaCapital, Brasil 247 e Brasil de Fato) e três de inclinação conservadora (Brasil Paralelo, Revista Oeste e Gazeta do Povo). A delimitação dessas páginas considerou o número de seguidores, o engajamento e o alinhamento político evidente em seus discursos editoriais. É importante destacar que as postagens aqui descritas e analisadas não foram realizadas pelas páginas selecionadas, mas por seus seguidores.

A coleta de dados concentrou-se nas ocorrências de antonomásia presentes nos comentários a postagens publicadas entre agosto e dezembro de 2022, período marcado pelas eleições presidenciais no Brasil e, portanto, propício ao acirramento de discursos políticos. Priorizaram-se manifestações espontâneas de usuários, excluindo-se os tweets publicados diretamente pelas páginas selecionadas.

As ocorrências foram sistematicamente organizadas em quadros analíticos que incluem a forma antonomástica, a pessoa nomeada, o contexto

discursivo, o tipo de operação semântica (metáfora e/ou metonímia conceptual), o autor do comentário, o link original e o perfil de origem com sua respectiva inclinação ideológica. O modelo de categorização foi adaptado de Simões Neto e Rodrigues (2023), com foco na identificação de padrões cognitivos subjacentes às nomeações figuradas. A análise comparativa considerou as distinções ideológicas entre os grupos progressistas e conservadores, observando as estratégias de conceptualização ativadas em cada campo discursivo.

Neste artigo, os dados estão dispostos ao longo do texto, conforme são analisados e discutidos, ainda contendo a ocorrência do antonomástico, o contexto com a postagem original ou parte dela, além da revista para qual o comentário foi enviado, junto à inclinação política de cada revista. Dadas as limitações para adaptação da dissertação para o formato de artigo, alguns exemplos originalmente analisados não estão aqui descritos. A prioridade para a seleção dos dados a serem apresentados foi o contraste do pensamento progressista com o pensamento conservador e o embate entre progressistas e conservadores no contexto das eleições presidenciais de 2022.

4 Análise comparativa

Logo no início da análise, observa-se uma assimetria significativa na distribuição dos apelidos entre os grupos conservador e progressista, especialmente em relação a duas figuras centrais das eleições presidenciais de 2022: Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro. O grupo conservador atribuiu nove apelidos a Lula e quatro a Bolsonaro, ao passo que o grupo progressista elenca quatro apelidos para Bolsonaro e nenhum para Lula. Tal discrepância pode ser compreendida à luz do contexto político-eleitoral daquele período. Jair Bolsonaro, à época presidente da República, foi eleito em 2018 com o apoio de uma base conservadora cuja principal motivação consistia na retirada do Partido dos Trabalhadores (PT), liderado por Lula, do cenário político nacional. O fortalecimento dessa agenda antipetista coincidiu com a prisão de Lula, intensificando a rejeição ao partido e

contribuindo para seu enfraquecimento, o qual se refletiu em sucessivas derrotas nas eleições estaduais e municipais subsequentes. Nesse cenário, ainda com Lula inelegível, Bolsonaro consolidou-se como a principal liderança da direita no país, contando com um contexto eleitoral favorável.

Esse panorama se transformou com a restituição dos direitos políticos de Lula, fato que impulsionou seu nome nas pesquisas eleitorais e o reposicionou como figura central na disputa presidencial. Do ponto de vista dos conservadores, Lula representa a personificação da corrupção supostamente vinculada ao PT e, nesse enquadramento, emerge como o principal oponente ideológico a ser combatido. A construção dessa imagem de antagonista se evidencia nos apelidos que lhe são atribuídos, como Ex-Presidiário (1) e Luladrão (2), os quais procuram reforçar sua associação com práticas ilícitas e deslegitimar sua trajetória política.

(1) Realização: Ex-presidiário

Pessoa nomeada: Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil.

Contexto: “(...) Vai vendo que o ex-presidiário só candidato acha q pode mandar em tudo que se fala na internet... (...)”

Comentário semântico: Metonímia PARTE PELO TODO (ex-presidiário representando Lula, resumido ao período em que esteve preso); Metáfora PESSOA É CRIMINOSO (associação de sua identidade à condição de presidiário como característica definidora).

Página de origem: Gazeta do Povo, conservadora.

(2) Realização: Luladrão

Pessoa nomeada: Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil.

Contexto: “Alguém pergunta pra eles se o Luladrão nunca roubou? Virou santo só pra campanha?” (Em post que aborda a justificativa da ministra Cármen Lúcia para votar contra uma liminar para remoção de conteúdo do Brasil Paralelo)

Comentário semântico: Metonímia PARTE PELO TODO (PESSOA pela AÇÃO PRATICADA)

Página de origem: Brasil Paralelo, conservadora.

No caso de *Luladrão*, é acionada a metonímia PARTE PELO TODO, uma vez que uma característica de Lula é selecionada para acessar a imagem mental do presidente, sendo essa característica, supostamente, a de roubar. O antonomástico referencia escândalos administrativos da vida política de Lula, o mais notório sendo o caso do Mensalão. Descoberto em 2005, o Mensalão envolveu um esquema de corrupção no qual repasses financeiros ilegais eram usados para comprar o apoio de parlamentares ao governo do então presidente Lula. Embora o envolvimento direto de Lula nunca tenha sido juridicamente comprovado, sua gestão foi fortemente impactada. Similarmente, *Ex-presidiário* resume Lula ao período em que ficou preso. Em 2017, o presidente Lula enfrentou acusações de ter recebido um imóvel como vantagem indevida da construtora OAS em troca de favorecimentos relacionados a contratos na Petrobras, no âmbito da Operação Lava Jato. A investigação apontou que o apartamento, inicialmente reservado para a família de Lula, teria sido reformado e mobiliado pela construtora como parte do suposto benefício. Lula sempre negou as acusações, afirmando que nunca foi dono da propriedade e que o processo foi motivado por perseguição política. Ele foi condenado em primeira e segunda instância e chegou a ser preso em 2018, mas em 2021 o Supremo Tribunal Federal anulou as condenações, alegando incompetência do tribunal de Curitiba para julgar o caso, o que também devolveu a Lula seus direitos políticos. Os apelidos não apenas promovem a desqualificação da imagem pública de Lula, mas também reafirmam e resumem a figura de Lula na narrativa segundo a qual ele seria o responsável direto por escândalos de corrupção atribuídos ao seu partido.

Os progressistas demonstram menor enfoque nas questões financeiras em suas críticas, mas, quando o fazem, utilizam a ironia para destacar a percepção de envolvimento de figuras conservadoras, as quais utilizam o discurso anticorrupção como atrativo eleitoral, com práticas de corrupção. É o caso

de *Micheque* (3), exemplo notório de apelido utilizado para questionar a integridade de uma figura conservadora. O antonomástico (3) a seguir refere-se à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, evocando o episódio dos depósitos bancários de origem suspeita feitos por Fabrício Queiroz em sua conta — caso que se tornou símbolo de possíveis irregularidades no entorno do ex-presidente Jair Bolsonaro.

(3) **Realização:** Micheque

Pessoa nomeada: Michelle Bolsonaro, ex-primeira-dama do Brasil.

Contexto: “Se houver justiça, cadeia. Para ele, a prole e Micheque.”

Comentário semântico: Metonímia PARTE PELO TODO (Pessoa pela ação, referindo-se ao caso de cheques relacionados a Michelle Bolsonaro); SINGULAR PELO PLURAL (Cheque por cheques).

Página de origem: Brasil de Fato, progressista.

Voltando a analisar os dois principais candidatos presidenciais da eleição de 2022, os apelidos passam a extrapolar a crítica política, investindo também em aspectos pessoais, de estilo de vida e aparência física.

(4) **Realização:** Mula

Pessoa nomeada: Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil.

Contexto: “Não gostei. O Mula a gente vaia e joga ovo podre se possível (...)”, em postagem desmentindo jantar da equipe do Brasil Paralelo com Lula.

Comentário semântico: Metáfora SER HUMANO É ANIMAL Metonímia TODO PELA PARTE.

Página de origem: Brasil Paralelo, conservadora.

Para Lula, os conservadores reservaram o apelido *Mula* (4), que faz uso da metáfora SER HUMANO É ANIMAL. Geralmente o uso de metáforas desta origem semântica tem o propósito de ridicularizar a pessoa mencionada, exacerbando e associando determinadas características que

imaginamos serem propriedades do animal à pessoa em questão. No caso, a mula, um animal híbrido resultante do cruzamento entre burro e égua, ou burra e cavalo, é frequentemente associada à falta de inteligência, assim como outros membros da família dos equinos. Além disso, é pertinente destacar a influência da fonética na escolha desse animal, visto que “mula” e “Lula” apresentam similaridades na pronúncia, reforçando o efeito pejorativo da comparação. Por outro lado, a maneira como Jair Bolsonaro é nomeado pelos conservadores revela, frequentemente, um tom de reverência e exaltação:

(5) **Realização:** Bolsomito

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

Contexto: “Claro: não vai achar nada do Bolsomito e somente treta da dona Dilma que inventou este segredo.” Postagem original da Revista Oeste noticiava que o governo Lula descartou a revogação imediata do sigilo de 100 anos imposto pelo governo Bolsonaro.

Comentário semântico: Metáfora SER HUMANO É ENTIDADE EXTRAORDINÁRIA

Página de origem: Revista Oeste, conservadora.

Enquanto os antonomásticos que nomeiam Lula carregam sempre tom pejorativo entre os conservadores, o quase completo oposto acontece com Bolsonaro. *Bolsomito* (5) é uma junção do splinter “Bolso-” com “Mito”. A ideia de que Bolsonaro seria um mito, bom demais para ser verdade, aciona a metáfora SER HUMANO É ENTIDADE MITOLÓGICA¹ e coloca Bolsonaro acima dos homens ou, no contexto, acima dos outros políticos. Bolsonaro é visto pelos seus eleitores como o ponto fora da curva, alguém que é diferente de todos os outros políticos, que surgiu para acabar com as práticas corruptas dos quais nenhum dos outros saiu ileso. Apelidos como Mito e *Bolsomito* (5) revelam uma visão idealizada do ex-presidente, posicionando-o como símbolo dos valores caros à

¹ Evidências lexicais dessa metáfora podem ser vistas nos usos de itens como *fera* e *monstro*, em contextos diversos tanto apreciativos quanto depreciativos.

base conservadora. A idolatria que permeia essas denominações ultrapassa a lógica da política institucional, operando no plano simbólico e afetivo. Essa dicotomia entre a ridicularização de Lula e a glorificação de Bolsonaro ajuda a evidenciar a polarização ideológica vigente, e revela como os grupos conservadores constroem suas narrativas políticas por meio de estratégias discursivas que oscilam entre a deslegitimação de um adversário e a veneração de seu representante.

Entre os progressistas, os apelidos destinados a Bolsonaro centram-se tanto em sua atuação como presidente quanto em sua longa trajetória parlamentar — composta por seis mandatos consecutivos como deputado federal. Apelidos como *Bozonaro* (6) e *Pangaré* funcionam como instrumentos de ridicularização, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19, que atingiu seu ápice a partir de 2020. Esses antonomásticos remetem à condução amplamente criticada do governo Bolsonaro durante a crise sanitária. Desde o início da pandemia, o então presidente adotou uma postura negacionista, tratando a doença como fenômeno passageiro e defendendo a imunidade de rebanho, isto é, a ideia de que a infecção natural e generalizada da população levaria à contenção do vírus. Essa abordagem, sem respaldo científico, contribuiu para um elevado número de vítimas. Além disso, Bolsonaro defendeu o uso de medicamentos como ivermectina e cloroquina, que não apresentaram eficácia comprovada contra o coronavírus, o que agravou ainda mais sua imagem pública.

(6) Realização: Bozonaro

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil

Contexto: “‘Só uma gripezinha’ já disse Bozonaro”; em post com fala de Jair Messias Bolsonaro sobre a Covid-19.”

Comentário semântico: Metáfora PRESIDENTE É PALHAÇO; Metonímia INDIVÍDUO PELA CLASSE. (BOZO pela categoria PALHAÇO)

Página de origem: CartaCapital, progressista.

A política negacionista do governo gerou impactos expressivos: até o final de 2021, o Brasil contabilizava mais de 22 milhões de casos de COVID-19 e mais de 619 mil mortes. Diante desse cenário dramático, os apelidos atribuídos pelos progressistas não deixam de incorporar um viés cômico, o que pode ser interpretado como um recurso discursivo de crítica, sátira e subversão, especialmente diante da percepção de tragédia evitável. Apelidos como *Bozonaro* (6), *Pangaré*, *Capetão* (7) e *Bolsonazi* (9) ilustram esse movimento. *Capetão* (7), por exemplo, faz referência à trajetória de Bolsonaro como militar e à sua reiterada exaltação da ditadura militar brasileira — período caracterizado pela repressão, censura e violência de Estado. O uso do apelido busca sinalizar a ameaça percebida à democracia e aos direitos civis diante de seu projeto político.

(7) Realização: Capetão

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

Contexto: “Esse Capetão vai ao TSE questionar que a campanha do PT está fazendo discurso de ódio contra ele. (...)” Em nota com declaração de Bolsonaro sobre Lula.

Comentário semântico: Metáfora NAÇÃO É EXÉRCITO (associação da liderança de Bolsonaro ao papel militar em uma estrutura de comando). Metonímia INDIVÍDUO PELA CLASSE (Capitão servindo como acesso ao frame militar). Metáfora SER HUMANO É SER MITOLÓGICO (Capeta).

Página de origem: Carta Capital, progressista.

(8) Realização: Capitão

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

Contexto: “Vamos deixar o Capitão descansar. Agora é a nossa vez de colocar a vida em risco pela nação. (...)” Postagem original da Revista Oeste relatava que Bolsonaro pediu aos aliados e eleitores que respeitassem seu silêncio após sua derrota nas eleições de 2022.

Comentário semântico: Metáfora NAÇÃO É EXÉRCITO. Metonímia INDIVÍDUO PELA CLASSE.

Página de origem: Revista Oeste, conservadora.

(9) Realização: Bolsonaro

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

Contexto: “...porque em 2026 Lula certamente não concorre e Bolsonaro pode voltar e Ciro é o único candidato de esquerda com Base para disputar.” Referindo-se a Jair Bolsonaro em notícia sobre a sucessão de Lula.

Comentário semântico: Metáfora BOLSONARISMO É NAZISMO; Metonímia TODO PELA PARTE (BOLSONARISMO por BOLSONARO).

Página de origem: Carta Capital, progressista.

O apelido *Bolsonazi* (9), por sua vez, estabelece uma analogia direta entre o ex-presidente e o regime nazista, sobretudo no que se refere ao tratamento dispensado a minorias sociais, como populações negras, indígenas, mulheres, LGBTQIA+ e quilombolas. A escolha desse apelido explicita uma crítica contundente às posturas autoritárias e à retórica excludente do ex-presidente, promovendo uma comparação com práticas e ideologias extremistas do século XX. Essa associação tem como objetivo alertar para as semelhanças entre o discurso de Bolsonaro e o ideário autoritário e discriminatório, buscando enfatizar o risco de uma crescente polarização política e marginalização de grupos sociais vulneráveis.

Ainda, no contexto do frame militar, há uma distinção notável entre os apelidos atribuídos a Bolsonaro pelos progressistas e pelos conservadores. Enquanto os progressistas o nomeiam ironicamente de *Capetão* (7), fazendo uma alusão ao seu passado militar e à nostalgia que ele nutre pelo regime da ditadura militar, os conservadores o fazem de forma elogiosa, chamando-o simplesmente de *Capitão* (8). Este apelido não só remete à sua trajetória como militar, mas também destaca o apreço dos conservadores pelos valores e ideais associados às forças armadas, que foram um pilar importante na ascensão de Bolsonaro ao poder. Essa admiração é refletida até mesmo após a derrota nas urnas, com a

reação de parte do eleitorado conservador, que se manifestou em protestos pedindo por uma intervenção militar. O apelido *Capitão* não é apenas uma referência à sua carreira militar, mas também um símbolo do respaldo que ele continua a receber dentro desse espectro político, uma vez que é visto como um defensor das pautas tradicionais e da ordem.

O apelido *Capetão* (7) também faz referência ao passado de Bolsonaro como militar, evocando também sua nostalgia pela ditadura militar brasileira, um período marcado pela repressão à liberdade de expressão, torturas e mortes de civis. A utilização de *Capetão* enfatiza o desejo de Bolsonaro de resgatar aspectos desse regime autoritário, uma visão que, para os progressistas, representa uma ameaça à democracia e aos direitos civis.

Além de *Capetão*, os progressistas também utilizam um frame militar ao nomear os filhos de Bolsonaro, de 01 a 04, conforme a ordem de nascimento, enquanto entre os conservadores esse modelo de nomeação não é produtivo. Estes apelidos carregam uma crítica tanto à militarização da família Bolsonaro quanto à quantidade de membros da família envolvidos na política brasileira. A numeração dos filhos simboliza a ideia de que são reduzidos a peças intercambiáveis, destacando a percepção de que sua presença na política é em grande parte produto de uma lógica familiar e patrimonialista, na qual a política é tratada como um negócio de família. Ainda, ao incorporar o sistema militar na crítica, os apelidos atribuem uma conotação de impessoalidade, em que as figuras são tratadas como números dentro de uma estrutura hierárquica rígida. Essa crítica não se limita aos filhos de Bolsonaro, mas também pode ser estendida ao próprio sistema militar, que é visto pelos progressistas como uma organização que despersonaliza e subordina seus membros a uma lógica de hierarquia e controle, em detrimento da autonomia e da liberdade individual. Dessa forma, os progressistas não só ridicularizam o apreço militar da família Bolsonaro, mas também questionam a própria estrutura de poder que ela representa, ressaltando o autoritarismo e a falta de pluralidade política associados à sua trajetória. Assim, embora esses apelidos criados pelos progressistas sejam críticos e

com teor cômico, eles carregam um peso ideológico que reflete o medo de retrocessos autoritários, as tragédias causadas pela gestão negacionista da pandemia e a contínua marginalização das minorias no Brasil.

(10) **Realização:** Frouxonaro

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

Contexto: “Enquanto isso o frouxonaro tá jogando dentro das 4 linhas! 🤪” Postagem original da Gazeta do Povo noticiava que Alexandre de Moraes havia determinado o bloqueio de grupos pró-Bolsonaro no Telegram, citando violência política.

Comentário semântico: Metáfora CORAGEM É FIRMEZA. Metáfora PARTE PELO TODO (CARACTERÍSTICA para representar a PESSOA).

Página de origem: Gazeta do Povo, conservadora.

Por outro lado, o apelido *Fouxonaro* (11), dado pelos conservadores a Bolsonaro, surge como uma exceção dentro do contexto de apreço. Esse apelido, com conotação negativa, critica a indiferença de Bolsonaro aos apelos de seus seguidores pela anulação do resultado das eleições de 2022. A rejeição pública ao desejo de muitos eleitores por um novo golpe, como o de 1964, torna *Fouxonaro* um apelido carregado de frustração, refletindo a percepção de que Bolsonaro não está alinhado com as expectativas mais extremas de seu eleitorado. Isso evidência a polarização dentro da base conservadora, com uma facção que ainda clama por uma ruptura democrática e uma intervenção militar.

(11) **Realização:** Bananinha

Pessoa nomeada: Eduardo Bolsonaro, deputado federal.

Contexto: “O Bananinha foi promovido de fritador de hambúrgueres para entregador de pen drives.” Em notícia sobre visita de Eduardo Bolsonaro ao Catar.

Comentário semântico: Metáforas SER HUMANO É ALIMENTO; ÓRGÃO SEXUAL É

ALIMENTO. Metonímias PARTE pelo TODO (PESSOA nomeada pelo ÓRGÃO SEXUAL), TODO PELA PARTE (BANANA para acessar a sua APARÊNCIA FÍSICA).

Página de origem: *CartaCapital*, progressista.

(12) **Realização:** Carluxo

Pessoa nomeada: Carlos Bolsonaro, vereador no Rio de Janeiro.

Contexto: “Esse Carluxo tem que estar no Rio e não em Brasília. (...)” Postagem original da *CartaCapital* relatou que Carlos Bolsonaro acionou o STF para que o presidente da Câmara fornecesse o endereço de André Janones, devido a supostas dificuldades criadas pelo deputado.

Comentário semântico: Metáfora HOMEM HÉTERO É PARA CIMA, GAY É PARA BAIXO.

Página de origem: *CartaCapital*, progressista.

Os apelidos dados aos filhos de Bolsonaro, como *Bananinha* (11) e *Carluxo* (12), refletem uma crítica não apenas ao envolvimento político deles, mas também a um ataque à sua masculinidade, com forte ênfase na tentativa de apequenar suas figuras públicas. O apelido atribuído a Eduardo Bolsonaro (11) se baseia na metáfora SER HUMANO É ALIMENTO. No imaginário cultural, especialmente em contextos de depreciação masculina, é comum associar um homem considerado ineficaz ou submisso à imagem de uma banana, remetendo à ideia de fraqueza ou inutilidade. O apelido ganhou notoriedade a partir de uma declaração do ex-vice-presidente Hamilton Mourão à Folha de São Paulo, que dizia que, “se o sobrenome dele fosse Eduardo Bananinha não era problema nenhum.” (UOL, 2020, grifo nosso)

Essa evolução semântica demonstra uma mudança tanto na metáfora quanto no uso das metonímias associadas ao apelido. Inicialmente, a metáfora conceptual era SER HUMANO É ALIMENTO, utilizando a banana para representar características comportamentais percebidas como negativas. Contudo, com o novo contexto, a metáfora se torna mais específica, especificando-se para ÓRGÃO

SEXUAL É ALIMENTO, explorando o formato da banana como analogia ao pênis. Há também o uso de sufixo avaliativo diminutivo “-inha” aqui, o que aumenta o valor depreciativo do apelido ao órgão sexual de Eduardo e à sua masculinidade como um todo.

Além disso, o apelido ativa a metonímia PARTE PELO TODO em ambas as acepções. No primeiro uso, Eduardo é reduzido a um traço comportamental (inutilidade ou fraqueza). No segundo, ele é simbolicamente representado por uma característica física (o tamanho do órgão sexual). Essa mudança nos sentidos ilustra a flexibilidade do uso linguístico para reforçar ataques pessoais e construir narrativas críticas em torno de figuras públicas, em especial no contexto político polarizado. Usos espontâneos do apelido Bananinha demonstram que este é entendido mais popularmente como no caso da alusão ao órgão sexual masculino, a exemplo de Patrícia Lélis, jornalista e ex-namorada de Eduardo que, em postagem no Twitter, utilizou o apelido neste sentido.

Por outro lado, o apelido destinado a Carlos Bolsonaro (12) insinua uma crítica direta à sua relação de proximidade com o primo Léo Índio, a qual muitos interpretam como uma relação excessivamente íntima, com um subtexto homofóbico. A ideia de descreditar a masculinidade de ambos através desses apelidos está ligada a um deboche sobre a forma como os homens conservadores se apresentam publicamente, como figuras excessivamente viris, heterossexuais e tradicionalistas, muitas vezes ignorando ou negando qualquer tipo de fraqueza ou vulnerabilidade. A ironia presente nesses apelidos se insere em uma crítica mais ampla à hipermasculinidade associada aos discursos conservadores, principalmente quando se considera que muitos desses homens buscam exibir uma imagem pública de virilidade imbatível. A crítica ao comportamento considerado “exagerado” ou “forçado” dentro dessa visão de masculinidade acaba sendo uma forma de questionar a autenticidade dessas representações, ao mesmo tempo em que expõe a contradição existente entre a imagem pública e a intimidade pessoal, como no caso de Carlos Bolsonaro e Léo Índio.

(13) **Realização:** Margaret Thatcher de Jockstrap

Pessoa nomeada: Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul

Contexto: “Por mim a margaret thatcher de jockstrap poderia voltar pro armário”; Em post sobre posicionamento de Eduardo Leite no segundo turno das eleições.

Comentário semântico: Metáfora HOMEM GAY É MULHER; Metonímias

PARTE PELO TODO (Jockstrap pela Homossexualidade). PARTE PELO TODO (Margaret Thatcher pelos seus ideais políticos).

Página de origem: Brasil 247, progressista.

Além disso, a mesma dinâmica de crítica à masculinidade rígida pode ser observada em outros apelidos, como *Margaret Thatcher de Jockstrap* (13), que, apesar de irônico, também carrega uma crítica velada ao universo LGBTQIA+, reproduzindo e reforçando estigmas homofóbicos. No apelido (13), Margaret Thatcher é citada nominalmente para evocar e atribuir ao governador Eduardo Leite características do governo da baronesa Thatcher de Kesteven. Como primeira-ministra do Reino Unido, entre 1979 e 1990, Thatcher se opôs aos ideais feministas e trabalhistas, e por sua rigorosidade implacável ganhou o apelido de Dama de Ferro. Leite, aqui, recebe o apelido como uma crítica ao seu posicionamento político alinhado à direita, economicamente liberal. Também causa revolta nos progressistas o fato de Eduardo Leite ser um homem abertamente homossexual e estar alheio às pautas sociais progressistas, tendo entrado em embates com trabalhadores e, mais especificamente, professores, durante a sua gestão como governador do Rio Grande do Sul. No exemplo (13), o ortônimo “Margaret Thatcher” é utilizado para referenciar especificamente os ideais de Thatcher e a sua atuação como primeira-ministra, o que indica uma metonímia conceptual de TODO PELA PARTE.

Ainda, os usuários buscam acessar características de feminilidade e comportamentos prototipicamente femininos para, de maneira pejorativa, destacar a sexualidade de Eduardo Leite, um homem gay, ao conceitualizá-lo metaforicamente como uma mulher (HOMEM GAY É MULHER),

escolhendo Margaret Thatcher como fonte referencial. A escolha de Thatcher é relevante por existirem, na história mundial e especificamente no Reino Unido, outros exemplos de políticos ultraconservadores e neoliberais como ela, mas do sexo masculino. A sexualidade de Leite é novamente destacada pela metonímia em “de Jockstrap”, que pode ser classificada como uma relação de PARTE PELO TODO, uma vez que a jockstrap, peça de roupa íntima tradicionalmente utilizada por homens em esportes como o rugby, atualmente também faz parte da cultura queer. O apelido reitera um padrão de exclusão e marginalização da diversidade sexual, que muitas vezes associa comportamentos considerados “não normativos” a uma crítica social ou política que se alinha ao preconceito contra os LGBTQIA+. Apelidos como esse evidenciam como o humor e o deboche, frequentemente utilizados para ridicularizar figuras públicas, podem também reforçar estigmas de gênero e sexualidade, perpetuando uma visão preconceituosa e limitante das identidades masculinas e das expressões de gênero. Assim, a crítica a figuras conservadoras se entrelaça com uma crítica mais ampla à construção de uma identidade masculina hegemônica, que é desafiada e deslegitimada, muitas vezes através da ironia e da zombaria, mas também pelo reforço de estereótipos prejudiciais.

Outro tipo de preconceito evidente nos apelidos encontrados nas páginas progressistas é o machismo, que se manifesta como uma forma de crítica ao culto ao machismo presente nos discursos conservadores, mas que, ao mesmo tempo, reforça atitudes sexistas. A raiz dessa prática está entrelaçada com a reprodução da ideologia LGBTQIA+fóbica, ambos alimentados pela tentativa de deslegitimar a masculinidade hegemônica dos conservadores, mas que acabam, muitas vezes, por reforçar estereótipos e discriminações contra mulheres e grupos marginalizados.

Retomando o exemplo (13), vemos a utilização de um antropônimo de uma figura feminina histórica, que foi, de fato, uma defensora de políticas antitrabalhistas. A ironia do apelido é clara ao conectar Thatcher, conhecida por sua postura rigorosa contra os direitos trabalhistas, a um estereótipo de

masculinidade tradicional. No entanto, o fato de a escolha recair sobre uma mulher – em vez de outros homens como Ronald Reagan, que também adotaram práticas antitrabalhistas – revela um aspecto significativo: as críticas dirigidas às mulheres, especialmente quando estas detêm poder político, tendem a ser mais pesadas, intensamente ligadas a ataques à sua feminilidade e à sua postura de autoridade. No caso de Eduardo Leite, o apelido visaria não apenas questionar suas políticas, mas também atacar sua identidade, ao evocar uma figura de poder feminino, mas associada à masculinidade de forma irônica.

(14) **Realização:** Tchutchuca do Centrão

Pessoa nomeada: Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil.

Contexto: “É bom a TCHUTCHUCA DO CENTRÃO ir preparando os lenços pra enxugar o choro!” A postagem responde ao anúncio da CartaCapital sobre os resultados da pesquisa Datafolha, que indicavam Lula vencendo Bolsonaro em três estados importantes.

Comentário semântico: Metáforas HOMEM É PARA CIMA, MULHER É PARA BAIXO, HOMEM GAY É MULHER; OPINIÃO POLÍTICA É ESPAÇO, MASCULINIDADE É PODER, TAMANHO É QUANTIDADE; Metonímias PARTE PELO TODO (INDIVÍDUOS representados pelo POSICIONAMENTO POLÍTICO), GRUPO PELOS INDIVÍDUOS.

Página de origem: CartaCapital, progressista.

O apelido *Tchutchuca do Centrão* (14), destinado a Jair Bolsonaro, adota uma abordagem distinta em relação aos exemplos anteriores, pois não direciona a crítica a uma figura feminina, mas utiliza uma figura feminina como metáfora para denegrir a imagem do político. Ao empregar o vocábulo *tchutchuca*, que remete a um estereótipo de mulher submissa, dócil e sexualmente permissiva, a crítica sugere que Bolsonaro, ao aliar-se politicamente ao Centrão, estaria “se sujeitando” ou “se submisso” a esse grupo de poder, de forma similar ao estereótipo

de submissão sexualmente passiva atribuído às mulheres.

A associação de Bolsonaro a esse apelido, portanto, não só busca deslegitimar sua postura política, mas também carrega uma conotação de fragilidade e falta de autonomia, insinuando que ele se renderia a interesses externos, de forma subserviente, assim como o estereótipo de uma mulher que se submete a uma sexualidade "desqualificada". Esse tipo de apelido, ao empregar uma imagem sexualizada e submisso-feminina, recorre ao mecanismo do slutshaming, que é o ato de envergonhar ou humilhar mulheres por sua sexualidade, ao associar práticas sexuais consensuais ou percebidas como "liberais" a um rebaixamento da dignidade e da integridade da mulher.

No contexto político, ao atribuir esse tipo de apelido a Bolsonaro, há uma tentativa de ridicularizá-lo ao associar sua postura política — vista por muitos como oportunista ou manipuladora ao negociar com o Centrão — a uma feminilidade estigmatizada e sexualmente inferiorizada. A subversão do apelido visa enfraquecer a autoridade de Bolsonaro, mas, ao mesmo tempo, ecoa o mecanismo sexista de silenciamento, ao reforçar a ideia de que a "submissão" a interesses poderosos é algo indigno, especialmente quando representado por uma figura masculina.

(15) **Realização:** Peppa

Pessoa nomeada: Joice Hasselmann, ex-deputada federal.

Contexto: "Com o dinheiro do contribuinte é mole fazer essas graças, queria ver do próprio bolso Peppa!!!!" A postagem original denuncia o uso de recursos públicos por Joice Hasselmann em sua campanha eleitoral.

Comentário semântico: Metáfora SER HUMANO É ANIMAL; Metonímia TODO PELA PARTE (Personagem evocado para referenciar as características físicas e comportamentais); Metonímia INDIVÍDUO PELA CLASSE (Peppa referenciando os porcos como espécie).

Página de origem: Revista Oeste, conservador.

Os conservadores também não estão imunes à reprodução de comentários machistas, como exemplificado pela ocorrência do apelido *Peppa* (15), direcionado à deputada Joice Hasselmann. Neste apelido identifica-se metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL, pois este faz referência à personagem *Peppa Pig*, protagonista de uma série de animação infantil de grande popularidade mundial. Peppa é apresentada como uma porca antropomorfizada, que exhibe comportamentos humanos, exceto por eventuais onomatopeias associadas ao som emitido por porcos. Nesse caso, a personagem funciona como uma metonímia do tipo INDIVÍDUO PELA CLASSE, em que Peppa é utilizada como representante simbólica da espécie porcina.

A escolha do animal "porco" como base do apelido pode estar relacionada a características tanto físicas quanto comportamentais atribuídas culturalmente à espécie. Fisicamente, o porco é frequentemente associado ao acúmulo de gordura corporal, o que pode ser interpretado como uma crítica à aparência de Hasselmann. Comportamentalmente, porcos são estereotipicamente vistos como animais sujos devido ao hábito de se revirarem na lama, o que também pode ser projetado de forma metafórica e depreciativa sobre a personalidade ou as ações de uma pessoa. Assim, o apelido *Peppa* também envolve a metonímia TODO PELA PARTE, pois seleciona traços específicos, como gordura ou sujeira, para caracterizar a figura pública de maneira pejorativa.

O fato de *Peppa* ser utilizado exclusivamente para Joice Hasselmann — e não haver apelidos semelhantes direcionados a políticos do sexo masculino, mesmo quando se observa sobrepeso em alguns deles — reforça a tendência de aplicar estigmas corporais às mulheres de forma diferenciada. Em muitas sociedades, as mulheres são constantemente avaliadas e comparadas em termos de sua aparência física, algo que, por vezes, é usado como uma forma de reduzir sua autoridade política e desqualificar suas ideias. Esse tipo de comentário é uma forma de violência simbólica que diminui a mulher a um estereótipo físico, desconsiderando suas competências ou seu papel político. A ausência de

apelidos semelhantes direcionados a homens, por sua vez, expõe a desigualdade de gênero presente nas análises e críticas políticas, onde o corpo feminino é mais facilmente alvo de objetificação e diminuição, enquanto os corpos masculinos, independentemente de sua forma, geralmente escapam dessa mesma lógica de desqualificação.

Se por um lado há a discriminação e diminuição do papel feminino na conceptualização de figuras políticas tanto pelos conservadores quanto pelos progressistas, o inverso ocorre quando os alvos são homens, especialmente em situações que buscam destacar o poder político de uma figura, mesmo que de forma negativa. Nesses casos, a linguagem utilizada frequentemente engrandece o indivíduo, atribuindo-lhe características de força ou imponência, reforçando traços tradicionalmente associados ao masculino.

Exemplos dessa prática podem ser observados nos apelidos *Vampirão*, atribuído por progressistas a Michel Temer, e *Xandão*, dado por conservadores a Alexandre de Moraes. O antonomástico *Xandão* evoca uma imagem de robustez e autoridade impassível em relação a Alexandre de Moraes, especialmente em um contexto de embates políticos e decisões judiciais marcantes que geraram reações polarizadas.

Outro ponto comum entre os dois grupos é a presença de comentários marcados pelo preconceito contra a idade avançada, evidenciando a perpetuação do etarismo. Esse tipo de comportamento pode ser observado em apelidos como *Véio da Havan*, direcionado ao empresário Luciano Hang pelos progressistas, e *Sapo Barbudo*, utilizado pelos conservadores para Lula. No caso de *Sapo Barbudo*, a crítica à aparência de Lula traz uma comparação com um sapo, destacando características físicas como pele enrugada e, por vezes, manchada, aspectos comumente associados ao envelhecimento. Esses exemplos demonstram como, em ambos os grupos, o envelhecimento é explorado como elemento de desqualificação, reforçando estereótipos negativos sobre pessoas idosas, ainda que o foco inicial dos apelidos seja político ou ideológico.

5 Considerações finais

A pesquisa e a análise realizadas demonstraram que os apelidos políticos refletem tanto as emoções quanto os valores simbólicos de diferentes grupos ideológicos, funcionando como extensões das estratégias discursivas de cada lado. Conservadores e progressistas utilizam designações para criticar ou exaltar figuras públicas, projetando nelas suas percepções ideológicas. Termos como *Ex-Presidiário* e *Bozo* revelam a personalização das críticas e o uso de linguagem marcadamente emocional e simbólica para reforçar visões políticas antagônicas.

Além disso, a análise revelou a reprodução de preconceitos estruturais por ambos os espectros ideológicos. Apelidos como *Tchutchuca do Centrão*, *Carluxo* e *Peppa* demonstram como o machismo, a LGBTQIA+fobia e o etarismo são usados de forma acrítica como ferramentas de desqualificação simbólica. Mesmo entre grupos que defendem pautas progressistas, essas práticas evidenciam contradições culturais profundas e a permanência de estereótipos historicamente enraizados. Paralelamente, certos apelidos têm como função a exaltação simbólica de lideranças, como no caso de *Mito*, que transforma Bolsonaro em um ícone além da política, consolidando alianças emocionais com seus apoiadores.

A pesquisa, fundamentada na Linguística Cognitiva, na Semântica Cognitiva e na Antroponomástica, mostrou que os apelidos políticos funcionam como dispositivos de categorização e conceptualização carregados de ideologia. Frames sensoriais e experiências culturais são centrais para a formulação desses nomes, os quais atuam como mecanismos de reforço de identidades políticas e de exclusão simbólica. Assim, os apelidos transcendem uma função descritiva e se tornam artefatos culturais que condensam disputas de poder, preconceitos e afetos. A análise dessas práticas linguísticas contribui para compreender como a linguagem molda e reflete a polarização no Brasil contemporâneo, sendo essencial

uma leitura crítica e consciente de seu papel nas relações sociais e políticas.

Referências

- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Mahwah, NJ and Edinburgh. 2006.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- GEERAERTS, Dirk. Introduction: A rough guide to Cognitive Linguistics. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*, p. 1–28, 2006. doi:10.1515/9783110199901.1
- KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: A practical introduction*. Oxford university press, 2010.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. University of Chicago press, 2008.
- MARTINS, Ana Lúcia M. R. Poltronieri. ANTONOMÁSIA: DEFINIÇÕES E CRÍTICA. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 37, 2021. DOI: 10.12957/seminal.2021.59229. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/59229>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- SIMÕES NETO, N. A.; RODRIGUES, L. S. Antropônimos esporádicos no português do Brasil: o caso das construções [MC X]N (Nonce anthroponyms in Brazilian portuguese: the [MC X]N constructions case). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 83-109, 2023. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v21i1.10356>
- SOLEDADE, Juliana. Recuperando a história do léxico antroponímico brasileiro. *LABORHISTÓRICO*, v. 6, p. 465-483, 2020. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.35110>
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de Mateus e J. A. Osorio. 2. ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.